

PRODUÇÃO DE TEXTO NA ALFABETIZAÇÃO: Um olhar sobre as práticas docentes, possibilidades e desafios no 2º ano do Ensino Fundamental.

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE: Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

<https://unitau.me/ods-cicted2025>

JÚNIO DO NASCIMENTO ARANTES

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA FÁTIMA DE MELO TOLEDO
COORIENTADORA: PROF^a. DR^a. JULIANA MARCONDES BUSSOLOTTI
(UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ – UNITAU)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar por que os estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental encerram o ciclo de alfabetização sem produzir bons textos com autonomia. Por meio de uma pesquisa qualitativa, o problema será analisado na rede municipal de uma cidade do interior de São Paulo, utilizando questionários online, entrevistas com professores e análise de seus planejamentos. Considerando que os índices oficiais de alfabetização na rede investigada não ultrapassam 50% , busca-se compreender quais concepções de alfabetização e letramento alicerçam as práticas docentes e quais desafios são enfrentados por eles. Alinhada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (Educação de Qualidade) , a pesquisa espera contribuir para a reflexão dos professores sobre suas práticas e para o planejamento de situações didáticas que fortaleçam o uso da língua escrita, tanto no eixo notacional quanto no discursivo.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Produção textual; Prática Pedagógica.

Introdução

A produção de textos é uma competência essencial para a comunicação e participação autônoma em uma sociedade em que textos escritos de diferentes formas circulam por variados suportes. Contudo, muitos estudantes do ciclo de alfabetização, em especial do 2º ano do Ensino Fundamental, concluem o ano letivo sem desenvolver plenamente essa habilidade, apresentando dificuldades que vão além do domínio do sistema de escrita alfabética. Dados do SAEB 2023 indicam que apenas 49,3% das crianças da rede pública estavam alfabetizadas, um cenário agravado pela pandemia de Covid-19. No município específico desta pesquisa, dados de 2024

apontam que somente 49,71% das crianças do 2º ano encerram o ciclo alfabetizadas, o que reforça a urgência de investigar as práticas pedagógicas. Diante disso, a pesquisa busca responder à seguinte pergunta:

Por que os estudantes do 2º ano não conseguem produzir textos com autonomia no final do ciclo de alfabetização?

A hipótese central é que a produção textual ainda não ocupa um lugar de destaque nas práticas cotidianas, com uma sobreposição do ensino da base alfabética em detrimento do desenvolvimento do eixo discursivo. O objetivo geral é, portanto, analisar as situações didáticas de produção de texto planejadas pelos docentes, identificando os fatores para o baixo desempenho dos estudantes.

Revisão da Literatura

O processo de alfabetização é um campo complexo, fundamentado por diversas contribuições teóricas. Lev Vygotsky destacou o papel da interação social e da mediação na aprendizagem, com a linguagem sendo o principal instrumento nesse processo. Seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ressalta a importância de situações colaborativas, nas quais o professor ou colegas mais experientes atuam como mediadores na construção da linguagem escrita. Conforme o autor:

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro capaz (VIGOTSKY, 2001, p. 97).

Jean Piaget, por sua vez, demonstrou que a criança é um sujeito ativo que constrói conhecimento em interação com o meio. Sua teoria influenciou as práticas ao mostrar que a aprendizagem ocorre por meio de assimilação e acomodação, sendo fundamental que o educador proponha desafios adequados ao nível de desenvolvimento do estudante, favorecendo a reflexão sobre a escrita.

Ampliando essa visão, Emília Ferreiro e Ana Teberosky revolucionaram a alfabetização com a teoria da psicogênese da língua escrita, deslocando o foco do "como se ensina" para o "como se aprende". Elas evidenciaram que a criança constrói

hipóteses sobre a escrita e que o papel do alfabetizador é criar situações que permitam ao aprendiz pensar e testar essas hipóteses.

Sustentamos que a criança constrói seu sistema interpretativo e que, longe de ser passiva, ignorante ou desprovida de ideias, ela pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita. A principal tarefa do alfabetizador é, portanto, a de propiciar situações em que o aprendiz possa exercer sua capacidade de pensar, de modo que suas hipóteses, ainda que não convencionais, sejam o ponto de partida para a aprendizagem (FERREIRO, 1999, p. 23).

No contexto brasileiro, Magda Soares consolidou o conceito de "letramento", defendendo que a alfabetização (o domínio do sistema de escrita) e o letramento (o uso social da leitura e da escrita) são processos distintos, mas indissociáveis. A autora argumenta que a criança deve "alfabetizar-se letrando-se", o que implica planejar situações de escrita reais e contextualizadas, com propósitos comunicativos claros.

O ideal é que a criança se alfabetize letrando-se, ou seja, que aprenda a ler e a escrever levando em conta as práticas sociais de leitura e de escrita. Isso significa que o processo de alfabetização deve, desde o seu início, desenvolver na criança tanto a habilidade de codificar e decodificar a língua escrita quanto as habilidades de usá-la para ler e produzir textos em práticas sociais que os demandem (SOARES, 2020, p. 31).

Pesquisas recentes, como as de Oliveira e Parisotto (2023), apontam que o ensino de produção de textos muitas vezes se restringe a modelos prontos, limitando a autoria docente e discente. Já Pereira e Silva (2023) observam que as dificuldades dos alunos estão ligadas à heterogeneidade das turmas e às escolhas metodológicas dos professores.

Método

Este estudo adota uma abordagem de pesquisa qualitativa, por se mostrar adequada para compreender a ação docente e suas escolhas pedagógicas no processo de alfabetização. A pesquisa qualitativa valoriza o universo de significados, crenças e atitudes, permitindo uma análise profunda dos processos sociais no contexto escolar.

De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos

fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] Nesse sentido, a abordagem qualitativa, diferentemente da quantitativa, não pretende enumerar ou medir, mas compreender a lógica interna de um grupo social. (Minayo, 2014, p. 22)

Os participantes serão professores efetivos que atuam em turmas de 2º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de uma cidade do interior de São Paulo, com pelo menos um ano de experiência. A coleta de dados será realizada por meio de três instrumentos principais:

1. Questionário online: Para obter um panorama geral sobre as práticas e concepções dos docentes.
2. Entrevista semiestruturada: Para aprofundar as questões levantadas no questionário e compreender as nuances do fazer docente.
3. Análise documental: Focada nos planejamentos pedagógicos para evidenciar as situações didáticas de produção de texto propostas aos estudantes.

A análise dos dados será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que envolve a pré-análise, a exploração do material com categorização e o tratamento dos resultados para interpretação. A pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté para garantir a integridade e a confidencialidade dos participantes.

Resultados e Discussão

Embora esta pesquisa esteja em fase de projeto, espera-se que os resultados contribuam significativamente para a compreensão dos desafios enfrentados no ensino da produção textual no ciclo de alfabetização. A investigação permitirá mapear as práticas pedagógicas correntes e analisar o alinhamento entre o planejamento docente e a sua execução em sala de aula.

Espera-se também que o estudo fomente a reflexão sobre a formação continuada dos professores, pois, como aponta Nóvoa (1992), não há mudança educativa sem que os professores sejam protagonistas de sua própria formação. Ao identificar as necessidades formativas dos docentes, será possível propor intervenções mais eficazes.

Como produto final, contempla-se a elaboração de uma trilha formativa sobre produção de texto para o ciclo de alfabetização, fundamentada nas teorias estudadas

e alinhada às necessidades reais identificadas na pesquisa. O impacto mais significativo esperado é a melhoria no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que os professores planejem situações didáticas mais potentes e que os estudantes desenvolvam plenamente suas habilidades de leitura e escrita.

Considerações Finais

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, na qual o domínio da leitura e da escrita é fundamental para o exercício pleno da cidadania. A escola possui a responsabilidade social de garantir a alfabetização de todos os estudantes, porém, dados oficiais mostram que este ainda é um grande desafio no Brasil. As dificuldades na alfabetização impactam diretamente o letramento, ou seja, a capacidade de usar a língua escrita em práticas sociais.

Compreender as dificuldades dos estudantes na produção de textos autônomos é essencial para modificar este cenário. Para isso, é preciso investigar o que ocorre dentro da escola: quais são as concepções dos professores, como realizam a transposição didática e como desenvolvem seu trabalho diante dos desafios cotidianos. Esta pesquisa busca lançar luz sobre essas questões, acreditando, como Magda Soares, que "toda criança pode aprender a ler e a escrever".

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. 18. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Andréa Ramos de; PARISOTTO, Ana Luzia Videira. A formação docente para o ensino da produção de texto na escola básica: uma transgressão necessária. Educação e Linguagem, v. 26, n. 2, p. 229-244, 2023.

PEREIRA, Vanessa Brandão; SILVA, Magna do Carmo. Produção de textos no 3º ano do ciclo de alfabetização: um olhar sobre a heterogeneidade. Revista Horizontes da Educação, v. 18, n. 2, p. 1-13, 2023.



SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2004.

VIGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2001.